

GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

NOÇÕES DE VIRTUDE NO ESTOICISMO: ENSINAMENTOS ÉTICOS DE SÊNECA, EPICTETO E MARCO AURÉLIO

MARCELLO ROMANI-DIAS¹

LUÍZA CHIARELLI DE ALMEIDA BARBOSA²

MARCELO MARTINS BUENO³

- 1 Com realização de Estágio Doutoral no Massachusetts Institute of Technology (MIT), é Doutor em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV) na Linha de Pesquisa Estratégia Empresarial, concluiu Pós-Doutorado na Bentley University (USA), e Licenciatura (Graduação) em Filosofia na Universidade Presbiteriana Mackenzie. É Mestre em Administração, na Linha de Pesquisa Sustentabilidade Organizacional pelo Centro Universitário da FEI (FEI). É especialista (Pós-Graduação) em Governança nos Negócios com foco em Direito, Economia e Gestão pela Fundação Instituto de Administração (FIA). É Bacharel (Graduação) em Administração pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, com especialização em Customer Relationship Management (ESPM). Atualmente cursa Licenciatura (Graduação) em História na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Como educador, é Professor Titular do Programa de Mestrado e Doutorado em Administração (PPGA) e do Programa de Mestrado e Doutorado em Gestão Ambiental (PPGAMB) da Universidade Positivo (UP).
- 2 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PPGTU/PUCPR) (2017-2019), com mestrado-sanduiche pela Université Savoie Mont-Blanc (USMB) em Communication Hypermedia (2018/1), Especialista pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP) em MBA em Gestão Escolar (2020-2022), Especialista pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER) em Formação docente para EAD (2023-2023), Graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) em Arquitetura e Urbanismo (2010-2015). Doutorado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão Ambiental da Universidade Positivo (PPGAMB/UP).
- 3 Doutor e Mestre em Filosofia Política pelo Programa de Pós Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Graduado em Filosofia e em Pedagogia. Professor Titular do Corpo Permanente do Programa de Pós Graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC).

RESUMO

A Ética pode ser vista como a filosofia da moral, do que é certo, bom, justo, e que promove o bem coletivo e que pode, potencialmente, trazer felicidade individual e coletiva. As virtudes humanas estão situadas no estudo da Ética, e para os gregos as virtudes podem ser vistas como o alcance da excelência. A corrente do Estoicismo é um dos principais expoentes do estudo da ética e das virtudes, e continua a gerar grande interesse. Diante deste contexto, este artigo tem o seguinte objetivo: analisar o conceito de virtudes humanas nas obras dos pensadores estoicos Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio para tratar das contribuições do estoicismo na discussão de virtudes. Para alcançar este objetivo foi conduzida uma pesquisa bibliográfica, de caráter teórico, na qual foi dada prioridade para a leitura direta das obras escritas por Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio. Como principais resultados, identificou-se que apesar dos pensadores trazerem como grandes categorias de virtudes humanas as noções cardeais de coragem, temperança, justiça e sabedoria. Conclui-se que Sêneca destaca-se pela defesa da temperança, Epicteto pela defesa da liberdade e Marco Aurélio pela busca incessante do bem comum.

Palavras-chave: Estoicismo. Virtudes. Sêneca. Epicteto. Marco Aurélio

NOTIONS OF VIRTUE IN STOICISM: ETHICAL LESSONS FROM SENECA, EPICTETUS AND MARCUS AURELIUS

ABSTRACT

Ethics can be seen as the philosophy of morality, of what is right, good, fair, and that promotes the collective good and that can potentially bring individual and collective happiness. The human virtues are situated in the study of Ethics, and for the Greeks the virtues can be seen as the achievement of excellence. The current of Stoicism is one of the main exponents of the study of ethics and virtues, and continues to generate great interest. Given this context, this article was the following objective: to analyze the concept of human virtues in the works of the stoic thinkers Seneca, Epictetus and Marcus Aurelius to address the contributions of stoicism in the discussion of virtues. To achieve this objective, a theoretical bibliographic research was carried out, from which priority was given to the direct reading of the works written by Seneca, Epictetus and Marcus Aurelius. As the main results, it was identified that despite the thinkers bringing as great categories of human virtues the notions of courage, temperance, justice and wisdom. It is concluded that Seneca stands out for the defense of temperance, Epictetus for the defense of freedom and Marcus Aurelius for the incessant search for the common good.

Keywords: Stoicism. Virtues. Seneca. Epictetus. Marcus Aurelius

O estoicismo surgiu na Grécia antiga (Braga Junior; Lopes, 2015. Polesi, 2014; Holiday; Hanselman, 2021), no entanto, esta corrente de pensamento parece mais atual do que nunca e, nesse sentido, quais seriam as principais motivações para tamanho interesse pelo estoicismo?

Começamos pela necessidade de compreendermos um mundo complexo e cada vez mais necessitado de explicações didáticas e viáveis para organizarmos nossa mente e para termos uma vida mais equilibrada, possivelmente mais sábia. O estoicismo pode simbolizar, neste sentido, uma visão filosófica que trata da arte de viver (Epicteto, 2018; Sêneca, 2021; Aurélio, 2019). O livro “Future Shock” descreve uma paralisia social e emocional trazida por estresse e desorientação opressivos, gerados pela magnitude e pela velocidade em que as coisas mudam atualmente (Toffler, 2022). Precisamos de correntes que possam explicar tais mudanças.

Superficialidade, desterritorialização (Santos, 2006), tecnologias de comunicação nas relações interpessoais e das redes de interação individual (Lipovetsky, 2013; Bauman, 2021), tendem a gerar a cultura do individualismo, quando os interesses particulares se sobressaem às normas da sociedade (Bauman, 2021). A identidade deste século, portanto, carrega controvérsias entre o passado e a aceitação da “modernidade”, que aparentemente conduz à liberdade social, decorrente da crise do multiculturalismo, ao fundamentalismo religioso e à Internet.

Estes fenômenos estão relacionados também à crise do Estado de bem-estar social e ao crescimento da sensação de insegurança financeira – o que Bauman (2021) conceitua como “corrosão do caráter”, em que a profunda ansiedade da sociedade é gerada pela instabilidade da alta flexibilidade no trabalho (Bauman, 2021). Nesse sentido, a conquista da felicidade está associada ao progresso material, possibilitado pela produção industrial em massa, portanto, isso determina identidades comuns e grupos semelhantes, apenas para incluir-se em uma ideia de “coletivo”, ou seja, são grupos sociais diferentes formado por iguais (Lipovetsky, 2013).

Nessa perspectiva, entendemos que abordagem prática do estoicismo facilita sua aplicabilidade e consequente fama. As incríveis histórias dos filósofos que ergueram suas bases também. Temos estoicos que foram traídos, estoicos que cometeram suicídio, que geriram impérios, que foram grandes lutadores ou corredores, que foram verdadeiros diplomatas, contemporâneos de Cristo, senadores, nobres, plebeus ou escravos (Braga Junior; Lopes, 2015). Ou seja, são estruturas semelhantes aos dos protagonistas fictícios contemporâneos, como Campbell (2014) descreve em 12 etapas da “Jornada do Herói” identificada na criação de personagens globais, como os heróis da Marvel ou DC Comics, que se adequassem à cultura de massa (Campbell, 2014).

É nesse contexto que as características dos líderes do estoicismo podem exercer fascínio, bem como suas próprias histórias. Se os contextos espaciais e temporais das histórias deles se distanciam da atualidade, são nas qualidades que eles se aproximam. Estoicos são, em geral, honestos, visam o bem comum e a temperança, agem conforme suas forças, são corajosos, racionais e justos, em um paradoxo do homem querer se assemelhar às virtudes divinas, ou as divindades superarem as adversidades mundanas (Eliade, 2018). São estes os aspectos que permitiram ao estoicismo, depois de tantos séculos, estar possivelmente tão vivo quanto em outros períodos de nossa história (Holiday; Hanselman, 2021).

Nesta pesquisa bibliográfica, de caráter teórico, procuramos estabelecer um diálogo entre os princípios basilares do estoicismo e a possibilidade de adotarmos suas máximas nos dias de hoje. Para melhor atingir este propósito, tratamos não somente das características desta corrente filosófica, mas principalmente de sua noção de virtudes, expressa por alguns de seus principais expoentes: Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio. É neste contexto que este estudo está norteado pela seguinte questão: quais são as principais visões, nas figuras de Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio, que o estoicismo nos traz sobre o conceito de virtude?

Este estudo se justifica por contribuir para a compreensão sobre o conceito de virtudes, que, por um lado, é amplamente difundido no campo da Filosofia, mas que, por outro lado, é também fruto de grandes debates sobre seu significado e aplicabilidade no decorrer do tempo e nas diferentes tradições filosóficas, e também de personagens da cultura popular.

Para alcançar esta finalidade maior, temos com nossa pesquisa o objetivo de analisar o conceito de virtudes humanas nas obras dos pensadores estoicos Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio. Para atingir este objetivo principal, alguns objetivos secundários foram estabelecidos, a saber: Levantar a literatura sobre Ética no período da Filosofia Antiga; Investigar princípios norteadores da corrente filosófica do Estoicismo; Mapear a vida e a obra de Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio, dentro do campo da Ética; Identificar os pontos de convergência presentes nestes autores acerca do conceito de virtudes humanas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O CONSTRUCTO “VIRTUDES” E SUA PLURALIDADE

Este estudo está situado no campo da Ética, uma das áreas clássicas da Filosofia. Dentro da Ética muito se discute sobre as virtudes humanas. A Ética pode ser vista como a filosofia da moral, do que é certo, bom, justo e que promove o bem coletivo e que pode, enquanto potencial, trazer felicidade para as pessoas e para as

sociedades. As virtudes humanas estão situadas no estudo da Ética, e para os gregos as virtudes podem ser vistas como o alcance de uma excelência moral (Braga Junior; Monteiro, 2016). O conceito de virtudes é, na verdade, bastante plural, e varia conforme o tempo e o espaço. Como consequência, trata-se de um constructo bastante complexo.

Virtudes humanas. Trata-se de uma qualidade, de uma potência, da busca pelo bem, do uso da razão, de um olhar especial para as leis da natureza, daquilo que é fundamental para a realização do dever humano. Podemos visualizar tais características no Quadro 1, que nos traz uma síntese de significados adotados para este constructo:

Quadro 1 – O Constructo Virtudes e seus Autores

Definições de virtudes	Origem
“Qualidades que constituem o valor do homem moral e físico, mérito essencial, virtude.”	Definição Geral
“Potência, força, poder, eficácia; propriedade de uma coisa.”	Definição Geral
“Disposição habitual para perfazer o bem, para realizar um ato moral.”	Definição Geral
“A virtude perfeita consiste em julgar os outros por si mesmo e tratá-los como se deseja ser tratado.”	Confúcio
“A virtude é a razão, em tudo ou em parte.”	Platão, no diálogo Menon (2001).
“A virtude é uma disposição adquirida voluntária, consistindo, com relação a nós, na medida, definida pela razão conforme à conduta de um homem refletido [...] é o meio-termo entre o excesso e a falta com relação a nós.”	Aristóteles, na Ética a Nicômaco (2018).
“A virtude implica a perfeição de uma potência. É um hábito bom e produtor de bem.”	São Tomás, na Suma Teológica (2001).
“A virtude consiste apenas na resolução e vigor com os quais se é levado a fazer as coisas que se crê serem boas, desde que este vigor não provenha da obstinação.”	Descartes, em Carta a Cristina da Suécia.
“Por virtude e potência entendo a mesma coisa: isto é, a virtude, enquanto se relaciona com o homem, é a essência mesma ou a natureza do homem enquanto ele tem o poder de fazer certas coisas que se podem conhecer unicamente pelas leis de sua natureza.”	Spinoza, em sua obra Ética (2009).
“A virtude é a força das máximas do homem na realização de seu dever.”	Kant, na Metafísica dos Costumes (2013).

Fonte: Ross (1994, p. 310-311).

Além das definições supracitadas, podemos apresentar noções mais específicas. Para Sócrates, por exemplo, a grande virtude é o conhecimento, marcado por um saber certo e seguro sobre as coisas. Platão, seu discípulo, também acompanha o mestre na ideia do conhecimento como a grande virtude, porém, destaca que este conhecimento dependerá da alma humana, visão que ficou conhecida como a Teoria da Alma Tripartite (Marcondes, 2001), em que temos virtudes como a alma racional, irascível e concupiscível, virtudes estas que variam entre os homens. Aristóteles, por sua vez, nos trouxe uma vasta classificação sobre as virtudes humanas, tomando como fim central a felicidade. Para este pensador as virtudes são, portanto, um meio para alcançarmos a *eudaimonia*. Polesi (2014, p. 73) nos traz uma síntese sobre as 12 virtudes morais propostas por Aristóteles, a saber: “coragem, temperança, liberalidade, magnificência, justo orgulho, anônimo, calma, veracidade, espirituosidade, amabilidade, modéstia e justa indignação.”

A corrente epicurista, por vezes vista como rival do estoicismo - ainda que esta interpretação sobre a rivalidade venha acompanhada de certa imprecisão - entende que a grande virtude está na busca por prazer, que é a ausência da dor. Destaca-se que, na visão de Epicuro, precisamos buscar o prazer de modo racional, moderado e com autocontrole. O estoicismo, em seu turno, defende que uma das virtudes humanas está na eliminação das paixões (apatia) e na alma racional, para que possamos agir nos eventos que dependem de nós, buscando a imperturbabilidade da alma (ataraxia).

As visões sobre virtudes seguem conforme os períodos posteriores da filosofia, de modo que na Idade Média, por exemplo, as visões de Agostinho e de Tomás de Aquino apontam para a virtude estar na santidade, no quanto nos aproximamos de Deus e de seu conhecimento. Devemos, de acordo com esta visão, usar nosso intelecto para nos aproximarmos Dele e para vivermos de acordo com a ordem divina. Já na Idade Moderna, temos como ilustração, por exemplo, as contribuições de Maquiavel, com sua ética de consequências, em que “os fins justificariam os meios”, e também a ética iluminista, que pode ser vista na obra de Kant, em sua visão deontológica (ética do dever). Avançando para a visão contemporânea temos, por exemplo, as visões de Nietzsche, Freud e Sartre, com grande ênfase para a ética existencialista, que coloca em questão os postulados sobre como devemos agir do ponto de vista de uma moral (Braga Junior; Monteiro, 2016; Butler-Bowdon, 2019).

Em contraste, a sociedade pós-moderna tem o conhecimento teórico como centralidade e poder, vivendo movida por inovação e desenvolvimento, mas baseadas em cópias das descobertas mais antigas, reinterpretadas pelo contexto tecnológico (Lipovetsky; Sebastien, 2011). A tecnologia digital e sua apropriação promoveu um acesso ilimitado a informações, mas não necessariamente ao

conhecimento, delegando à “alma” computadorizada aptidões exclusivamente humanas. A saturação de simbolismos religiosos também nos afastou da ideia de santidade, assim como nossa relação entre homem e divino (Eliade, 2018). Nesse sentido, nossa capacidade sensível, perceptiva, estética, é sobreposta pela anestesia, ausência de dor, incorrendo na alienação, distanciamento (físico e emocional) e visão excessivamente positiva da vida (Han, 2015).

Sendo assim, estamos buscando uma resposta para a mesma pergunta que Hércules e Zenão, diante de tantos recursos que podem nos deixar apáticos, relaxados e aparentemente felizes, fizeram: por que escolher o caminho mais difícil? Para esse mesmo paradoxo entendemos que a busca pelo conhecimento construído e mantido ao longo do tempo, nesse caso o estoicismo, pode ser contributivo para os nossos dias, como um contra tendência aos desafios impostos.

APRESENTAÇÃO DE SÊNECA, EPICTETO E MARCO AURÉLIO

Os livros de história apontam que Zenão (334 a.c. – 262 a.c.) dedicou-se à Filosofia após um infortúnio. Também conhecido como “O Profeta”, Zenão era natural da ilha de Chipre, comerciante, e teve um grande carregamento de mercadoria perdido em um naufrágio. Nesta ocasião, aquele que seria o fundador do estoicismo, perdeu navio e carga, ficando impossibilitado de exercer a atividade do comércio. Este grande pensador entendeu tal situação como um chamado e, após o naufrágio, partiu para Atenas, local em que iniciou sua jornada filosófica de modo mais aprofundado, tendo Sócrates como sua principal referência de conduta. Principalmente ao conhecer a história “Hércules na encruzilhada”, em que o herói é obrigado a escolher entre duas mulheres - uma representava uma vida de trabalho difícil, porém virtuoso, outra oferecia uma vida fácil, preguiçosa, de vício. Naquele instante, estas duas opções se apresentaram a Zenão, e ele escolhe o percurso da virtude; passou, então, a procurar por homens com a mesma vontade (Holiday; Hanselman, 2021).

Na época considerava-se o local de nascimento como princípio essencial de civilidade, portanto, a atitude de Zenão rompe tal tradição e propõe que a dignidade do homem seja mais relevante do que seu lugar de origem, ou seja, cunha as ideias de estrangeirismo e de uma ética universal (Rocha, 2015; Trotta, 2021). Por ser forasteiro, não podia adquirir ou usar um imóvel, então institui o Pórtico como o local para transmitir seus ensinamentos para discípulos, por meio da base daquilo que ficaria conhecido como Estoicismo (termo significa “pórtico pintado”), corrente que surge em Atenas, na Grécia, e que arrebatava seguidores e admiradores até os dias de hoje, também com suas características de heroísmo (Rocha, 2015; Holiday; Hanselman, 2021).

Deve-se a Cícero, grande orador e filósofo romano, o registro em livros, interpretações e parte da disseminação do Estoicismo. Ele foi influenciado por esta corrente grega, mas é considerado eclético em sua abordagem filosófica, e apresentou críticas que devem ser analisadas com moderação (Luz, 2020). Enquanto a ética estoica influenciava um pequeno grupo de pessoas interessadas sob um discurso claro e objetivo, por exemplo, Cícero acreditava que a política, os acordos, e o poder de comando sobre um grupo maior de pessoas, eram mais importantes. Ao mesmo tempo em que defendia as ideias da retórica, autodomínio e honestidade em todas as ações cotidianas como virtudes essenciais para os cidadãos de Roma (Carreiro, 2019; Romero, 2023).

O Estoicismo pode ser dividido em três períodos, o primeiro chama-se Stoá Antiga, ocorreu na Grécia entre os séculos IV e III a.C., e teve como principais representantes Zenão e Cleantus de Assos. O segundo é Stoá Média, começou a expandir para Roma, entre os séculos II e I a.C., representado por Panécio de Rodes e Posidônio de Apameia. O terceiro período é conhecido como nova Stoá, destacando-se no Império Romano, e tornando o estoicismo mais popular, entre os séculos I e IV d.C., representados por Sêneca, o imperador Marco Aurélio e Epicteto (Reale, 1990; Colen, 2020).

Zenão de Cítio recebeu do oráculo ensinamento sobre ser necessário conversarmos com os mortos para compreendermos e aproveitarmos melhor a vida. Sigamos então o exemplo praticado por este mestre e “consultemos os mortos” para uma melhor compreensão cronológica sobre o conceito de virtudes. Esta conversa se dá, neste caso, por meio do contato com os escritos de grandes pensadores: Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio.

Sêneca teve origem em Córdoba, na Espanha, e viveu entre os anos 4 a.c. e 65 d.c., tendo sido, portanto, contemporâneo de Jesus Cristo. Sua obra Cartas Morais traz boa parte do que conhecemos de sua visão sobre ética e virtudes. Suas reflexões sobre virtudes incluíam a necessidade de olharmos com cautela para a morte (tendo sempre clareza sobre nossa mortalidade), sermos firmes enquanto sábios, termos a coragem necessária para realizarmos aquilo que nos cabe e, principalmente, desejarmos e buscarmos tranquilidade, significado, felicidade e sabedoria (Sêneca, 2021). Este grande pensador teve dificuldades para adotar estes preceitos de forma prática em sua vida, e sofreu nas mãos do imperador Nero, a quem aconselhou por muitos anos, mas que no final da jornada o traiu e o condenou ao suicídio (Holiday; Hanselman, 2021).

Epicteto, por sua vez, nasce em Hierápolis no ano de 55 d.c. e morre no ano de 135 d.c. Sua obra marca a temática da liberdade, também por ter sido escravo, algo incomum para um filósofo estoico. As concepções das virtudes humanas em Epicteto incluem a ideia de escolha, comum não somente nele, mas em outros

pensadores deste movimento, para os quais devemos agir sobre aquilo que podemos, sobre aquilo que faz parte de nossa missão e de nosso potencial. Dentro daquilo que podemos está nosso desenvolvimento de sabedoria, por meio da qual devemos buscar a verdade sobre as coisas (Epicteto, 2018). Fazem parte de seus princípios basilares as virtudes da resistência e do autocontrole, que estão ligadas a esta ideia sobre a forma como encaramos as situações, e não sobre as situações em si.

Seguindo esta ordem cronológica, temos em Marco Aurélio a figura do último grande imperador romano, e que também contribuiu de forma fundamental para a Filosofia com suas ideias, principalmente aquelas que estão contidas em sua obra *Meditações*. Aurélio viveu entre 121 d.c. e 180 d.c., e foi considerado para muitos o rei-filósofo, em alusão à obra *“A República”*, escrita por Platão. Este pensador procurava adotar grandes virtudes para si, como a de ser digno, modesto, direto, são, cooperativo e desinteressado (Holiday; Hanselman, 2021). Complementando esta ideia, Aurélio recomendava a simplicidade, a bondade, a pureza, seriedade, despretensão, justiça, gentileza, carinho, temor a Deus e força para o trabalho, como grandes virtudes que devem ser buscadas por todos nós (Aurélio, 2019).

As visões de ética e de virtude destes grandes pensadores serão ampliadas e aprofundadas no decorrer deste artigo, bem como os pontos de convergência que as cercam. Coragem, temperança, justiça e sabedoria marcam os principais tipos de conhecimento expressos pela corrente do estoicismo. Os estoicos entendem que, em geral, não há virtudes sem estes conhecimentos cardeais. Aprofundaremos estas análises.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De modo a atingir os objetivos propostos, este trabalho de pesquisa tem caráter qualitativo, e toma como principal técnica de investigação a pesquisa bibliográfica, especialmente pela exploração de artigos científicos e de livros sobre o estoicismo e, principalmente, sobre as noções de virtude em Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio. Nesta seleção de literatura, priorizamos as obras escritas pelos três pensadores supracitados, de modo a tomar contato diretamente com suas ideias, ainda que traduzidas para o português.

Epicteto e Marco Aurélio não possuem vasta obra literária, o que não diminui sua importância para o estoicismo e para o pensamento filosófico ocidental como um todo. Epicteto tem duas grandes obras, interrelacionadas: *“Encheiridion de Epicteto”* (também conhecido como *“Manual de Epicteto”*) e *“Diatribes”* (ou *“Discursos”*), obras que foram editadas por Lúcio Flávio Arriano de Nicomédia, aluno do mestre. Marco Aurélio, por sua vez, escreveu no período final de sua vida sua obra intitulada *“Meditações”*. Como obra deste fundamental estoico e imperador

romano, também consta uma coleção de cartas de Marco a seu professor Frontão, cartas estas que não tratam diretamente dos tópicos explorados por nossa pesquisa.

Sêneca, por sua vez, foi autor prolífico, e nos deixou grande legado em forma de textos que simbolizam seu pensamento estoico. Estes textos possuem, em geral, o formato de diálogos, dentre os quais podemos destacar aqueles que versam sobre a brevidade da vida, sobre a firmeza do sábio, sobre a ira, sobre uma vida feliz e sobre a tranquilidade da alma. Trechos fundamentais destes ensaios são trazidos em nosso artigo, bem como os discursos de Epicteto e as meditações de Marco Aurélio. Em complemento, adotamos como referências livros que adentraram ora na Ética como um todo, ora especificamente no pensamento Estoico, e também foi utilizada literatura que traça a vida e obra de grandes filósofos da Filosofia Antiga, período em que se situa o surgimento e a consolidação do estoicismo enquanto corrente filosófica.

ANÁLISE DE RESULTADOS E DISCUSSÃO

VIRTUDES EM SÊNECA (4 A.C. - 65 D.C.)

Sêneca aprendeu com Átalo a importância da virtude da temperança, virtude esta que funcionará como um tipo de síntese do pensamento estoico como um todo. Esta virtude, contrária a falta de controle, é vista na obra de Sêneca quando ele trata, por exemplo, da morte. Em carta endereçada a Paulino, observamos esse ponto:

A vida é longa o bastante para realizar os projetos mais importantes; recebemos uma porção generosa, se a ordenamos da maneira certa. Não recebemos uma vida curta, mas a tornamos breve; não somos pobres em dias, mas os desperdiçamos (Seneca, 2021, p. 10).

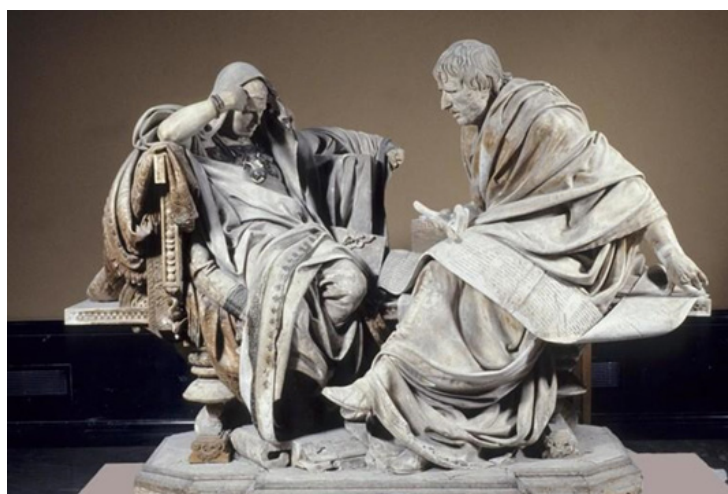
Notamos aqui que o pensador busca a ponderação, mesmo neste tema da morte, que é tão temido por muitas sociedades, quase como um tabu. Quando ele menciona “ordenarmos da maneira certa” notamos sua busca por equilíbrio, pela racionalidade que, segundo ele, cabe ao filósofo. Um contraponto a esta ideia está no desequilíbrio de muitos, como expresso em outro trecho dos escritos de Sêneca: “é que as pessoas vivem como se fossem viver para sempre; você nunca se lembra de sua fragilidade humana, nunca nota o quanto do seu tempo já passou, desperdiça-o como se tivesse um estoque abundante e transbordante.” (Seneca, 2021, p. 13)

O desperdício do tempo, que aliás nunca pode ser recuperado ou estocado, nos é trazido por Sêneca como um exemplo de falta de temperança. Para o autor, a ideia de contarmos com algo que não existe, que não pode ser razoavelmente levado

em consideração, e que é fruto de erros cometidos por nossos sentidos, deveria estar fora de questão.

A noção de justiça também pode ser vista em Sêneca como sendo uma virtude central, especialmente com base em sua relação com Nero, imperador romano. A família de Nero, principalmente na figura de Agripina, convocou Sêneca para servir de tutor para o jovem Nero. Sêneca realizou tal tarefa, também por acreditar que um estoico deve servir ao seu país (Holiday; Hanselman, 2021). A clássica obra de Eduardo Barrón, datada de 1904, ilustra a relação do mestre Sêneca com seu problemático aluno Nero, conforme Figura 1:

Figura 1 – Escultura de Eduardo Barrón (1904) retrata Nero e Sêneca



Fonte: Artlistings (2011).

Apesar do apreço pela justiça e pelo que é correto, Sêneca não conseguiu evitar que Nero fosse um péssimo imperador, injusto com seu povo, mau governante e assassino cruel. Holiday e Hanselman (2021) trazem uma boa interpretação da obra de Barrón (1904):

Apesar de ter sido construída cerca de dezoito séculos após o episódio, a obra de Barrón retrata uma cena que apresenta os elementos atemporais do caráter de ambos os personagens. Sêneca, muito mais velho, está sentado com as pernas cruzadas, envolto em uma linda toga, embora sem adornos. Desenrolado sobre o véu. Talvez seja um discurso. [...]. Seus dedos indicam um ponto no texto. Sua linguagem corporal é receptiva. Ele está tentando incutir em seu jovem pupilo a seriedade das tarefas que tem pela frente. Sentado diante de Sêneca, Nero é, em todos os sentidos, quase o oposto de seu conselheiro. Está encapuzado, acomodado em uma cadeira semelhante a um trono. Um cobertor elegante repousa nas suas costas. Ele usa joias. Sua expressão é tensa. Ambos os punhos estão cerrados, e um repousa sobre a têmpora como se não conseguisse se forçar a prestar atenção. Está olhando para o chão. Seus pés estão cruzados na altura dos tornozelos. Ele sabe que deveria estar escutando, mas não está. Preferia estar em qualquer outro lugar. Pensa: em breve não terei mais de suportar essas lições. Então, poderei fazer o que eu quiser (Holiday; Hanselman, 2021, p. 243).

De acordo com os autores, Sêneca manteve seu trabalho com Nero porque acreditava que sua obrigação era esta, pois um estoico deve estar presente e fazer aquilo que precisa ser feito, o que também se relaciona ao conceito da coragem como virtude no estoicismo. Sêneca morreria por causa de sua relação com Nero. O mestre sabia dos perigos de tal relação desde seu início.

VIRTUDES EM EPICTETO (55 D.C. - 135 D.C.)

A principal virtude trazida na obra de Epicteto é a liberdade, principalmente porque Epicteto foi escravo e foi pensador e, desse modo, conseguiu trazer para suas reflexões e contribuições parte daquilo que efetivamente viveu. Um dos pontos centrais da forma de Epicteto expressar a importância dessa virtude decorre de sua noção sobre a força da vontade humana, conforme trecho de seu “Manual”:

Nada pode de fato fazê-lo parar. Nada pode realmente impedi-lo de prosseguir. Porque sua vontade está sempre sob seu controle. A doença pode desafiar seu corpo. Mas será que você é só um corpo? Suas pernas podem estar incapazes de andar. Mas você não é somente um par de pernas. Sua vontade é maior do que as suas pernas. Sua vontade não precisa necessariamente ser afetada por algum incidente, a menos que você permita. Lembre-se disso com relação a tudo o que acontece com você (Epicteto, 2018, p. 36).

Somos livres como consequência do grande potencial que tem nossa vontade. Devemos acreditar em nossa capacidade de agir, de escolher nossos próprios caminhos. No trecho acima Epicteto não despreza as diferentes amarras que nos cercam, mas enaltece nossos múltiplos caminhos possíveis para a liberdade. Até pela complexidade do que está sendo tratado por Epicteto, nota-se que em sua perspectiva não existe um caminho único e exclusivo para essa liberdade. De todo modo, há uma grande relação entre a vida de Epicteto e seus ensinamentos – no trecho mencionado o pensador faz uma analogia de ação moral com o corpo físico, no caso, as pernas, pois um de seus mestres o machucou até quebrá-la, mesmo assim, ele manteve sua serenidade, bem como o controle de sua mente. Isso nos leva à reflexão de que suas virtudes foram experienciadas em sua própria vida. A Figura 2 ilustra parte desse contexto de Epicteto:

Figura 2 – Ilustração de Epicteto escrevendo com uma muleta rente ao corpo



Fonte: Domínio Público, 2023.

Ainda nesse contexto, Epicteto entende que os virtuosos são, em diferentes aspectos, invencíveis. Aqui notamos, novamente, a força que este estoico atribuiu ao conceito de vontade humana, conforme trecho de seu “Manual”:

A diferença entre os instruídos e os ignorantes é que as pessoas sábias têm a consciência de que os virtuosos são invencíveis. Não são atraídos nem iludidos pela maneira como as coisas aparentam ser. Os instruídos respeitam a afinidade que temos com o Supremo e, portanto, agem como cidadãos do Universo compassivos e conscientes. Compreendem que uma vida sábia, que leva à serenidade, vem da harmonia com a natureza e com a razão (Epicteto, 2018, p. 119).

Ao refletirmos sobre virtudes devemos ter em mente que elas se interrelacionam a todo instante. Nesta seção sobre Epicteto, por exemplo, liberdade, vontade, serenidade e razão apresentam-se como elementos que se retroalimentam, inclusive sem haver uma rígida precedência temporal de um elemento sobre o outro. Nos parece, por exemplo, que a liberdade alimenta a vontade, que a razão contribui para nossa serenidade, e que o ser racional é mais livre. Epicteto nos brindou com um conselho em especial, denominado de “Os Virtuosos são Coerentes”, que em nosso entender acaba por tratar da interrelação entre as diferentes virtudes humanas, conforme trecho:

Para viver uma vida de virtude, de excelência moral, você precisa tornar-se coerente, mesmo se isto não for conveniente, confortável ou fácil. É indispensável que seus pensamentos, palavras e ações sejam consequentes. Esse é um padrão mais elevado do que o comum. A maioria das pessoas quer ser boa e tenta de alguma forma conseguir isso, mas costuma ceder à lassidão quando enfrenta um desafio moral. Sempre que seus pensamentos, palavras e ações formam uma trama perfeita, sem qualquer emenda, seus esforços encontram menos resistência e fluem facilmente, eliminando temores e preocupações. Desse modo, é mais fácil buscar a excelência moral do que agir de maneira inconstante ou de acordo com as sensações do momento.

É só quando você se liberta das distrações causadas por prazeres superficiais ou ilusórios e se dedica a seus legítimos deveres que pode de fato relaxar. Quando tem consciência de que fez o melhor possível dentro das circunstâncias, seu coração fica realmente leve. Sua mente não precisa ficar dividida procurando desculpas, pensando em álibis, defendendo sua autoestima, sentindo culpa ou remorso. Você pode, despreocupadamente, honestamente, seguir adiante, cuidar de outra coisa. E, na verdade, é tão simples ser coerente: se você diz que vai fazer algo, faça-o. Se começar alguma coisa, termine-a, vá até o fim (Epicteto, 2018, p. 126).

Quando Epicteto menciona que pessoas “cedem à lassidão” quando deveriam, na verdade, buscar a excelência moral, libertando desse modo o humano daquilo que ele chama de prazeres superficiais, o mestre nos relembra da importância da força da vontade como meio de libertação humana. É, novamente, a liberdade atuando como elemento central de sua obra sobre virtudes.

VIRTUDES EM MARCO AURÉLIO (121 D.C. - 180 D.C.)

A busca pelo bem comum é, possivelmente, a principal virtude expressa na obra de Marco Aurélio, tanto em quantidade quanto em intensidade. Este termo aparece mais de 80 vezes em sua obra “Meditações”, e está relacionado com a importância da coletividade em detrimento dos interesses individuais do grande líder. O trecho abaixo ilustra bem a importância dessa virtude na obra:

Não desperdices o que resta da tua vida com ideias alheias que não estejam direcionadas para o bem comum. Pergunte-se: fui útil para o bem comum? Isso já não seria, em si, o meu proveito? Mantém tal pensamento sempre contigo e não desiste dele (Marco Aurélio, 2020, p. 111).

Devemos lembrar que desde os tempos de Sêneca e de Epicteto, os estoicos tinham o hábito de conservar diários, isto é, textos voltados para si e cobertos de reflexões sobre os mais variados temas. Estes textos eram bastante valorizados pelos estoicos, por possibilitarem sua autorreflexão, seu exercício da razão diante da vida. Como exemplo, a obra “Meditações” é fruto do diário de Marco Aurélio, texto que ele fez, portanto, somente para si, já na fase final de sua vida, e sem intuito de publicação.

Esta característica enriquece ainda mais esta obra de caráter íntimo, e talvez por isso Marco Aurélio seja tão repetitivo no uso do termo bem comum. Trata-se de um lembrete, de um aviso, para si mesmo, como em trecho em que ele demonstra evitar os erros que foram cometidos por César:

Presta atenção para não fazeres como César; evita tal mácula, pois isso pode acontecer. Mantém tua simplicidade, bondade, sinceridade, dignidade, discrição,

teu amor pela justiça, tua piedade, generosidade, afeição pelo teu semelhante e tua constância diante do teu dever. Esforça-te sinceramente para prosseguir da maneira que a filosofia faria para ti. Reverencia os deuses e ajuda a humanidade. A vida é curta, e o fruto a ser colhido neste mundo é uma mente pura e uma conduta altruísta (Marco Aurélio, 2020, p. 56- 57).

Com base neste trecho notamos não somente o retorno das ideias sobre bem comum, por meio do uso de termos como “ajuda a humanidade” e “conduta altruísta”, como também uma série de características que nos permitem alcançá-lo, tais como: “simplicidade”, “bondade”, “sinceridade”, “dignidade”, “discrição”, “amor pela justiça”, “piedade”, “generosidade”, “afeição” e “constância”. Podemos notar, mais uma vez, que há na obra dos estoicos virtudes que funcionam como grandes guarda-chuvas ou macro categorias, como coragem, temperança, justiça e sabedoria, e virtudes específicas que “alimentam” estas maiores. Como exemplo, a sinceridade alimenta a coragem, a constância alimenta a temperança, e a bondade alimenta a justiça.

A Figura 3, representa a estátua equestre de Marco Aurélio, em que o gesto de sua mão erguida, para alguns historiadores, simboliza clemência, pois haveria outra peça na obra, um bárbaro ou inimigo caído próximo da pata erguida do cavalo, suplicando misericórdia. Esta imagem, portanto, retrata o imperador como um conquistador vitorioso, mas sem armadura ou armas, Marco Aurélio está usando toga, desejando transmitir uma época de paz (Van Ackeren, 2012):

Figura 3 – Escultura equestre de Marco Aurélio



Fonte: Musei Capitolini (2017).

Marco Aurélio nos brinda com suas reflexões ao deixar claro que o ser virtuoso exercita suas virtudes diariamente. Trata-se de algo que deve ser lapidado com o passar dos anos, mas que também pode retroceder. Este é o alerta de Marco Aurélio, cautela que serviu para ele enquanto grande Imperador Romano, o último dos grandes, e que serve para nós neste caminho da Filosofia. O tema é tão complexo que Marco Aurélio se utiliza, por vezes, de palavras irmãs para dizer algo similar,

como no seguinte trecho: “quando tiveres dentro de ti as palavras bom, modesto, verdadeiro, prudente, equilibrado e magnânimo, não as modifique e, se perdê-las de vista, busca-as rapidamente de volta (Marco Aurélio, 2020, p. 100).”

CONCLUSÃO

Neste artigo partimos do objetivo de analisar o conceito de virtudes humanas nas obras dos pensadores estoicos Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio para, de forma mais ampla, tratar das contribuições do estoicismo na discussão de virtudes.

Foi possível identificarmos que a contribuição dos três autores para a noção de virtudes é bastante vasta, e que pode ser sintetizada pelas ideias cardeais de coragem, temperança, justiça e sabedoria. Ao mesmo tempo em que os três trazem reflexões sobre estes quatro elementos, Sêneca traz maior ênfase para a importância da virtude da temperança, Epicteto para a defesa da liberdade e Marco Aurélio para a necessária busca pelo bem comum.

O contexto social dos pensadores nos ajuda a interpretar tais ênfases. Ora, Sêneca foi conselheiro de um dos imperadores mais tiranos da história de Roma, Nero, levando sua necessidade de temperança a alcançar níveis bastante elevados, em decorrência das provações diárias que sofria e das traições de Nero. A temperança de Sêneca pode ser observada, inclusive, em sua tranquilidade diante da morte após ser traído por Nero.

Epicteto, por sua vez, foi escravo, algo praticamente impensável para um pensador estoico da época. Sua condição pregressa o fez enxergar a liberdade de um modo muito particular, com base na grande força que existe em nossa vontade. Epicteto via, portanto, a liberdade por meio de uma ótica que parecia ter um tipo de lente de aumento, e com grande nitidez.

Marco Aurélio, por sua vez, demonstra por meio de sua Filosofia as razões que o tornaram um grande imperador. O último dos grandes de Roma. Marco Aurélio ficou conhecido como “O Sábio”, e conseguiu algo impressionante: ser um expoente, ao mesmo tempo, na Gestão Pública e na Filosofia. A palavra-chave que une os pensamentos e as ações de Marco Aurélio nestas duas esferas é o bem comum. A busca por este ideal permitiu a este pensador e imperador superar a morte de seus filhos, lidar com guerras e traições, e ainda encontrar tempo e espaço nos quais pudesse nos brincar com seus pensamentos, fundamentais para uma vida que valha a pena ser vivida.

Destas reflexões podemos inferir que, assim como já classificado por Aristóteles desde cerca de 300 a.c., há uma série de virtudes humanas que estão, na verdade, entrelaçadas. Aristóteles classificou em número 12 as grandes virtudes, e defendeu a chamada Ética do Equilíbrio. No caso dos pensadores do estoicismo,

eles parecem considerar que quanto mais justiça melhor, quanto mais temperança melhor, quanto mais coragem e sabedoria, melhor. Trata-se da forma estoica de pensar, que se difere, nesse ponto, da noção de virtudes como medianas, pensamento presente em Aristóteles.

A partir destes resultados, este artigo contribui, modestamente, para que possamos ampliar nossas visões sobre as virtudes humanas, para que possamos ter maior clareza sobre este complexo constructo. Especialmente no cenário conturbado do mundo contemporâneo, com tantas contradições morais e éticas, que desafiam uma vida virtuosa. Como mencionado inicialmente, ao longo do tempo, em diversos mitos, histórias e personagens, esses princípios foram mantidos e renovados por figuras condizentes aos recortes espaço-temporais de cada cultura, ou de uma cultura globalizada, demonstrando a importância imutável e efetiva dos pensamentos destes filósofos para a formação social da humanidade.

Se este texto levar o leitor para uma reflexão sobre seu próprio caminho, sobre quais virtudes são prioritárias em sua vida, entendemos que, em boa medida, ele cumpriu seu papel, mesmo diante das limitações que podemos apontar para nosso artigo, quais sejam: apesar de termos selecionado obras de três grandes expoentes do estoicismo, não tratamos de uma série de pensadores desta corrente, o que restringe, de algum modo, nossas análises sobre as noções de virtudes estoicas. Além disso, a ausência de mais trabalhos escritos que sejam de autoria de Epicteto e de Marco Aurélio também limita nossas comparações entre os três pensadores, limitação enfrentada por todo e qualquer pesquisador que delimita seus estudos com base nestes estoicos.

Em complemento, entendemos que a comparação das virtudes expressas no estoicismo com as de outros movimentos filosóficos, especialmente das Idades Medieval, Moderna e Contemporânea, poderia ser de grande valia para o aprofundamento das análises que aqui fizemos. Por esta razão, elencamos esta possibilidade de investigação como sendo uma contributiva oportunidade para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Edipro; 4ª edição, 2018.

ARTLISTINGS. *See Nero and Seneca by Eduardo Barrón "Converse" at the Prado Museum*. 2011. Disponível em: < <https://www.artlistings.com/Magazine/See-Nero-and-Seneca-by-Eduardo-Barron-Converse-at-the-Prado-Museum-70595>>. Acesso em 20 de maio de 2023.

AURÉLIO, Marco. *Meditações*. Montecristo Editora, 2019.

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- BUTLER-BOWDON, Tom. *50 Clássicos da Filosofia*. São Paulo: Benvirá, 2019.
- BRAGA JUNIOR, Antonio Djalma; LOPES, L. F. *Introdução à Filosofia Antiga*. Curitiba: InterSaberes, 2015.
- BRAGA JUNIOR, Antonio Djalma; MONTEIRO, Ivan Luiz. *Fundamentos da Ética*. Curitiba: InterSaberes, 2016.
- CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena; 29ª edição, 2014.
- CARREIRO, Zaira Caroline Dutra. *Virtus, Prima Inter Pares: a ética estoica em Cícero e a proposta de identidade filosófica em Tusculanae Disputationes*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 125 p., 2019.
- COLEN, José. *Porque Pensamos como Pensamos: Uma História das Ideias Sociais e Políticas*. Cascais, Portugal: Editorial Aster. 2022.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Editora WMF Martins Fontes; 4ª edição, 2018.
- EPICTETO. *A Arte de Viver*. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HOLIDAY, Ryan; HANSELMAN, Stephen. *A Vida dos Estoicos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.
- KANT, Immanuel. *Metafísica dos Costumes*. Editora Vozes; 1ª edição, 2013.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manole, 2013.
- LIPOVETSKY, Gilles; SEBASTIEN, Charles. *Os tempos hipermodernos*. Portugal: Edições 70, 2011.
- LUZ, Diogo. *A crítica de Cicero à retórica estoica*. XX Semana Acadêmica Do PPG Em Filosofia da PUCRS, Vol 1, 2020.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. MUSEI CAPITOLINI. *Equestrian statue of Marcus Aurelius*. 2017. Disponível em: <<https://www.museicapitolini.org/en/opera/statua-equestre-di-marco-aurelio?tema=1>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

PLATÃO. *Mênon*. Edições Loyola, 8ª edição, 2001.

POLESI, Reginaldo. *Ética Antiga e Medieval*. Curitiba: InterSaberes, 2014.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*, Volume I, São Paulo: Paulus, 1990.

ROCHA, Gabriel Rodrigues. *Filosofia e ética no estoicismo romano de Epicteto*. Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia. Faculdade Católica de Pouso Alegre. Volume VII – Número 18 – Ano 2015.

ROMERO, Frederico. *O sentido das paixões e emoções: Cícero e os estoicos*. Revista DIAPHONÍA, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 30–47, 2023. DOI: 10.48075/rd.v9i1.30663. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/30663>. Acesso em: 18 maio de 2023.

ROSS, Jacqueline. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Scipione, 1994.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. Editora Universidade de São Paulo; 4ª edição, 2006.

SÊNECA, Lucio Aneu. *A Sabedoria de Sêneca: ensaios completos*. São Paulo: Excelsior, 2021.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Autêntica; 2ª edição, 2009.

TOFFLER, Alvin. *Future Shock*. New York: Ballantine Books, 2022.

TOMÁS, São. *Suma Teológica*. Edições Loyola; 5ª edição, 2001.

TROTTA, Welligton. *Estoicismo: a natureza como fundamento da lei*. Cadernos Zygmunt Bauman, [S. l.], v. 11, n. 26, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/17609>. Acesso em: 19 maio. 2023.

VAN ACKEREN, Marcel (ed.). *A Companion to Marcus Aurelius*. New Jersey: Blackwell Publishing, 2012.